

Lutar para vencer

Fev. - Março 81

nº 2 - 3ª SEMANA

Jornal dos Trabalhadores do Vestuário
do Porto, Braga e Viana do Castelo

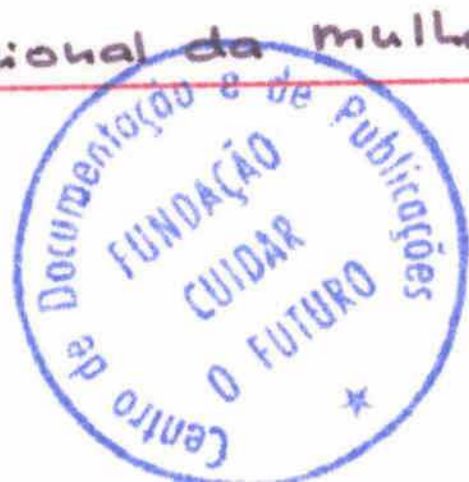
p 1 e 11

Maria de Lourdes Pintasilgo

para nos a propósito...

Fundação Cuidar o Futuro

dia internacional da mulher





PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Primeiro Ministro

Fundação Cuidar o Futuro



LUTAR PARA VENCER

FEVEREIRO/MARÇO 81
n.º 2 - 3.ª série

O Jornal dos Trabalhadores do Vestuário do Porto, Braga e Viana do Castelo



MARIA DE LOURDES PINTASILGO
fala-nos a propósito... Pág. 11

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

ENTREVISTAS COM UMA DELEGADA SINDICAL
E UM TRABALHADOR Pág. 10

Fundação Cuidar o Futuro

CONTRATO SOCIAL

O QUE É?

PARA QUE SERVE ? Pág. 9



A CONSTITUIÇÃO
DA
REPÚBLICA
PORTUGUESA

PÁG. 6/7

QUE NINGUÉM
CONSIGA
DIVIDIR-NOS Pág. 3

• Situação nas Empresas e entrevistas Pág. 4/5

• Nós e as Leis Pág. 10
Atenção à marcação de férias

• Trabalhadores dizem que...
Para que serve o Fundo de desemprego?





Maria de Lourdes Pintasilgo fala-nos a propósito...

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

A eng. Maria de Lourdes Pintasilgo dispensa apresentações. Todos a conhecemos quando pela primeira vez uma mulher foi primeiro-ministro em Portugal. "Lutar para Vencer" quis saber a sua opinião sobre a emancipação da mulher trabalhadora a propósito do "Dia Internacional da Mulher" que se comemora no dia 8 de Março.

"Lutar para Vencer" — Na sua opinião, sr.^a eng.^a, quais as limitações mais graves que no seu entender impedem um processo de emancipação da mulher trabalhadora?

A REVOLUÇÃO "DAS MENTALIDADES" TERÁ DE SER CONDUZIDA PELAS PRÓPRIAS MULHERES"

Maria de Lourdes Pintasilgo — As limitações estão um pouco por toda a parte: dentro e fora das mulheres, na família e nos meios de trabalho, nas estruturas e nas mentalidades.

A meu ver, a emancipação da mulher trabalhadora começa por encontrar limites nela própria, nos preconceitos que tem enraizados e que a impedem de lutar afoitamente pela sua libertação.

Quantas são as mulheres que aceitam passivamente as condições de trabalho que lhes propõem, sabendo, à partida, que a norma constitucional "para trabalho igual salário igual", não está a ser cumprida?

Quantas são as mulheres que se conformam, submissamente, à execução de tarefas cansativas, monótonas, lesivas do seu bem estar físico e psíquico, e ainda por cima impostas de forma autoritária, quando não violenta?

Quantas são as mulheres que se submetem, sem qualquer questionamento, à chamada dupla tarefa, aceitando que toda a carga do trabalho doméstico recaia sobre elas, mesmo quando o número de horas de trabalho que realiza fora de casa é igual ou mesmo superior ao do marido?

É certo que por trás de tais atitudes está o problema generalizado da mentalidade discriminatória que atribui às mulheres, em tudo, um lugar subalterno. Mas a "revolução das mentalidades" terá que ser conduzida pelas próprias mulheres. São elas que terão que impor à "outra metade da humanidade" os novos modelos de comportamento e de estatuto social.

A nível das estruturas temos que começar por denunciar a própria organização irracional do trabalho, que conduz a um imenso desperdício da energia humana, qualquer que seja a actividade exercida.

Também aí as mulheres terão que ser pioneiras, pondo a nu a inadequação da produção às necessidades reais da população, o carácter desumano de certos horários de trabalho, o fardo que representa trabalhar sem saber para quê e sem ter voz nas decisões que nos dizem respeito.

São as chamadas "reivindicações qualitativas" que até agora os sindicatos, conduzidos por homens, não foram capazes de introduzir.

Lutar para Vencer — Da sua experiência nacional e internacional quais as condições que existem e a desenvolver que facilitaríamos a essas mulheres a emancipação?

ORGANIZAR-SE PARA PODER INTERVIR EM PROBLEMAS QUE SÃO DE TODOS

M. L. P. — Em primeiro lugar, a própria organização das mulheres. Parece-me indispensável que as mulheres se encontrem para discutir e analisar os seus problemas. Não se trata de uma atitude sexista, que pretenda isolar os problemas das mulheres do conjunto dos problemas dos trabalhadores. Trata-se, pelo contrário, de estimular as mulheres para que se tornem capazes de ter uma intervenção mais activa na resolução dos problemas que são de todos.

Porque se encontram, na sua grande maioria, na base das várias pirâmides profissionais ou salariais, as mulheres sentem com maior acuidade o que são hoje os problemas laborais. Estão é demasiado isoladas para se darem conta das várias formas de discriminação de que elas são vítimas e para se sentirem capazes de passar à acção.

Ora essa tomada de consciência tem que começar por fazer-se **entre mulheres**, em grupos espontâneos ou organizados que venham a formar-se. Só assim as mulheres descobrirão a **força potencial** de que são portadoras e a influência social e política que poderão vir a ter.

É essa a experiência de milhares de mulheres de hoje, no país e pelo Mundo fora. Entre nós, a experiência da organização de mulheres a seguir ao 25 de Abril, está ainda muito próxima. Conseguiram-se então coisas que ninguém julgava possível...

À PROCURA DE UM NOVO REALISMO

Em outros países da Europa Ocidental ou da Europa de Leste, do mundo industrializado ou do chamado Terceiro Mundo, a experiência das mulheres está a ser a mesma: a partir da tomada de consciência da sua opressão específica, as mulheres abrem-se para um empenhamento activo e consciente na luta por uma sociedade mais justa, mais humana e mais feliz. E o interessante é verificar que são elas, muitas vezes, que propõem as soluções mais realistas e mais criadoras para os problemas...

Fala-se hoje muito da "crise" mundial em que estamos envolvidas. Na Conferência das Nações Unidas realizada em Copenhague, no âmbito da década da Mulher, tive ocasião de verificar que em quase todos os países as mulheres começam a dar-se conta que **sem elas** a "crise" não fará senão agravar-se. É que, uma vez empenhadas, as mulheres não se contentam com as soluções tradicionais, impostas pela mentalidade tecnicista e masculina dominante. Partem à procura de um novo **realismo** em que os problemas humanos voltem a ser encarados como o centro e a finalidade de todo o desenvolvimento. Não será a luta pela emancipação das mulheres trabalhadoras, em Portugal, uma das muitas expressões desta procura?